



Casas tradicionais ainda resistem ao tempo no Santo Antônio

## Santo Antônio, um bairro que valoriza a tradição

### Santo Antônio, um bairro que valoriza a tradição

O bairro do Santo Antônio Além do Carmo pode ser o único próximo ao centro de Salvador com características predominantemente residenciais que conserva tradições simples como a boa vizinhança, a conversa na calçada e o namoro na praça. Um dos mais抗igos de Salvador, resistiu à degradação do patrimônio arquitetônico herdado dos séculos XVI e XVII, como aconteceu com o Pelourinho e Maciel, mas também não ficou livre de pecados da descaracterização estilística. Os imóveis receberam, com o passar do tempo, reformas que tentaram atender às necessidades da vida moderna, como a construção de garagens e grades nas janelas.

Outros tesouros da arquitetura não tiveram essa sorte e se transformaram em ruínas, como o Pilar Inclinado do Pilar, o Forte de Santo Antônio e alguns casarões do século XVII. O Pilar Inclinado, que levava os moradores do Santo Antônio para a Cidade Baixa, está desativado há muitos anos e hoje empresta suas precárias instalações a uma semaiheira. Na encosta o mato cresce e o lixo aumenta, servindo de ninho para ratos e insetos. Apesar da bela vista que se tem do saudoso Pilar, e da utilidade que ele tinha para o bairro, o presidente da Associação de Moradores e Amigos do Bairro do Santo Antônio (Amabasa), Paulo César Silva, diz não ter notícia de existência de nenhum projeto que esteja em andamento, como o que foi assassinado com o IPAC nessa semana, para a restauração do Forte e Igreja de Santo Antônio, Igreja do Boqueirão e alguns casarões do bairro.

#### INVASÃO HOLANDESA

Todas as restaurações que o bairro terá visam sua preparação para que se torne, em breve, novo ponto de de-

sembarque de turistas que visitarão o centro histórico. Um dos monumentos tradicionais do bairro é o Forte de Santo Antônio, construído pelos portugueses. Imponente, voltado para o mar, hoje está em ruínas e serve de abrigo para cerca de 50 pessoas e comerciantes de várias tendências. No interior da fortaleza pode-se encontrar ponto de venda de mel, uma gráfica, marcenaria, alguns artesões e um amontoado de lixo.

Na região, o comércio é basicamente de serviços e ainda não cedeu ao apelo consumista dos turistas que passam por lá procurando artesanato, roupas e comidas locais. No futuro esse quadro pode ser mudado, mas por enquanto nenhum movimento nesse sentido é percebido. Para o corredor de imóveis Oswaldo Salles, o incentivo ao turismo pouco irá mudar no bairro. Ele diz que as casas, em sua grande maioria, são ocupadas pelos proprietários, não existem imóveis para alugar e os valores imobiliários estão em alta. "As casas são patrimônio histórico e de difícil avaliação de preço", diz ele. E com a situação do País, poucas pessoas têm dinheiro para investir em novos negócios", avalia.

O bairro de Santo Antônio, com o passar do tempo, leva que se adaptar às mudanças e as fachadas de suas casas servem aos olhos o que poderia ser chamado de "salada arquitetônica". Alguns casarões conservaram as características originais e, de certo modo, sacrificam economia para o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, que não terá que reformá-las. Existem casas que mantêm o revestimento de porcelana e azulejos portugueses, outras, receberam fachadas modernas de gosto duvidoso enquanto janelas e portas de madeira cederam lugar às esquadrias de alumínio.



Os moradores têm poucas queixas e louvam sempre a tranquilidade

## Mais transporte e iluminação

Quem mora no Santo Antônio afirma que pouco tem para reclamar. "Precisamos de transporte e iluminação", diz Paulo Silva. Ele mora no bairro há 14 anos e vive intensamente todos os acontecimentos. Caminha pelas ruas parando todo o tempo para tratar de assuntos da comunidade com os moradores. Atualmente está envolvido com a organização de uma festa que começará no dia 20 de maio e durará 33 dias. "Vamos fazer uma feira que vai comemorar tudo ao mesmo tempo", revela. A primeira será a tradicional festa do Divino e depois o Arraial de Santo Antônio, o padroeiro, encerrando com o São João.

Silva assinala os pontos fracos do bairro, como a falta de segurança nos últimos tempos. "Precisamos aumentar o policiamento para garantir a tranquilidade do lugar", alerta. Ele aponta a iluminação precária como fator originário de tensão dos moradores. "De madrugada todo mundo tem medo de sair de casa". Há 15 dias à frente da

Amabasa, Silva já trabalha em muitos projetos, como o de cadastramento dos moradores para a elaboração de um censo que permitirá saber quantas pessoas vivem no bairro, o que fazem e quem são. Ele também pensa na revitalização do Pilar Inclinado Pilar e na construção de uma praça de esportes, além da pavimentação de algumas ruas com as pedras originais que foram cobertas com asfalto.

Um ponto nevrálgico é a Ladeira do Pilar, que está há muito tempo em processo de degradação, servindo de lugar para invasões e acúmulo de lixo. Uma das vistas mais bonitas de Salvador, está entregue à marginalidade, que encontra ali um ótimo ponto de fuga e esconderijo. A ladeira, se transitável, facilitaria a vida daqueles que precisam ir para a Cidade Baixa, pois é um percurso rápido, mas por medo os pedestres preferem andar um pouco mais a correr o risco de passar por ali.